

CLÁUDIO RAMOS

O RAPAZ

Ao amor. Aos que amam. Aos que amaram.
Aos que acreditam que vale a pena acreditar nele.
No amor.

— **T**ens a certeza?
— Tenho! — responde com ar sério, mas, até hoje, sem se perceber se falava a sério ou se era apenas o ar a tentar dar aquela que seria uma despedida.

— Sabes que não há nenhuma razão para isto.

— Sabes que há muitas razões para isto!

— Não. Sei que estamos a deitar fora uma coisa boa. Única...

— Entendo o que dizes, e magoa ainda mais saber que tens razão...

— É medo?

— Não. Não tenho propriamente medo do que as pessoas possam dizer ou pensar. Sou um homem crescido e assumido, estou bem comigo mesmo. Não tenho medo da opinião alheia, senão não saía de casa. Trata-se de um estilo de vida. Sou mais recatado, mais reservado, gosto que as pessoas saibam sobre mim exatamente aquilo que quero partilhar e nada mais do que isso. Tu és uma pessoa que todos conhecem, porque dás palestras e escreves livros, estás na Internet o tempo todo... Isso assusta um pouco alguém como eu. E não consigo não pensar a longo prazo. Já me conheces, sou de me entregar a relações curtas e instantâneas, sem ligação emocional, porque me custa perder

alguém de quem gosto. Quando me envolvo emocionalmente, penso muito mais sobre isso. Uma coisa é entrar numa relação sabendo que pode acabar. Outra, completamente diferente, é avançar com uma relação que não tem pernas para andar...

– Mas isso é tremendamente injusto...

– Sei que é injusto, e não penses que não me custa. O processo, só por si, já é mau, mas tu raramente tens de me ver. Já eu, sou obrigado a olhar para ti sempre que me ligo à Internet.

– Não sou essa pessoa!

– Não duvido por um minuto que tu, Carlos, tornasses a minha vida mais leve. O resto é que não ajuda.

Não saberia dizer, com o tempo que, entretanto, passou, se Carlos e Bruno não estariam amargamente arrependidos da tarde em que esbarraram um no outro, da mesma forma que Bruno não sabia que, naquela tarde, estava a salvar Carlos de um caminho longo e demorado, do qual não conseguia sair. Estava preso há demasiado tempo a uma série de escolhas erradas que não o levaram a lado nenhum, ou, talvez, o tenham levado ao lugar onde Bruno o encontrou, e, a verdade, é que se não fossem todas as más escolhas, não teria esbarrado nele, que se apresentava desde o primeiro minuto como um rapaz bem resolvido com a vida.

Bonito. Muito bonito, talvez demasiado bonito, sendo que a sua beleza não estava apenas no tronco trabalhado, nas nádegas redondas e nas coxas torneadas. A beleza do Bruno estava em tudo o que fazia. Mais tarde, Carlos chegou a dizer que, até no estender de um copo de água, Bruno era bonito.

«Não sei se me entende. Acho que não, mas, ainda assim, é importante que eu manifeste isto, porque conheço-o há tão pouco tempo e sinto que, desde o primeiro momento, os dias começaram a ganhar uma cor que não tinham há muito, que gosto de acordar, de ver as horas passar. Que tenho um objetivo», desabafava ele com a psicóloga que o acompanhava há quase dez anos e sabia tudo sobre ele. Ou, pelo menos, tudo aquilo que Carlos queria contar. Não é a sua primeira psicóloga, já passou por muitas e muitos.

Já teve alta várias vezes, mas, agora, o embate foi forte e está em consultas continuadas há quase três anos. Foi-lhe diagnosticada uma depressão, que inicialmente negou, contrariou, mas que teve de enfrentar com as armas que tinha antes que deitasse tudo a perder. E tudo era muita coisa. Era, na verdade, exatamente tudo aquilo por que lutara a vida toda.

— **N**ão te imaginava nada assim!
 — Assim como?
 — Assim!

Carlos encantou-se com Bruno quando este lhe deu boleia. Foi uma boleia ao acaso. Já tinham conversado virtualmente, mas nada de mais, nada muito promissor. Apesar de lhe ter achado piada, não sabia se, na verdade, era *gay*, nem tão-pouco se lhe achava graça.

Chovia devagarinho. Uma chuva miudinha no início do mês de fevereiro. De repente, um carro trava ao lado de Carlos, que caminhava apressado pela rua, de auscultadores nos ouvidos, mas sem música, apenas para ir descontraído sem que ninguém lhe dissesse nada. Viria a ser estranha essa boleia que atravessou Lisboa de uma ponta à outra, porque foi das poucas vezes que ambos saíram do casulo onde se aninharam nos tempos seguintes. Onde perderam a noção do tempo e das horas. Lentamente, moldaram-se um ao outro e, sem deixar o resto do mundo de fora, criaram um mundo só deles. Ainda hoje, Carlos insiste que o carro de Bruno é encarnado, sabendo que é preto.

— Não sei porque meti na cabeça que o teu carro é encarnado?!

— Porque te encantaste comigo e com a minha condução, e não viste mais nada! — brinca Bruno.

– Sim, claro. Nem sabias o caminho! – goza Carlos.

– Chegaste, não chegaste?

A primeira viagem de carro dos dois foi a boleia que Bruno deu a Carlos quando este ia ao psicólogo. Mentiu a Bruno, disse-lhe que ia ao osteopata. Mais tarde, confessou que não sabia como reagiria Bruno se soubesse que andava no psicólogo, ou se lhe perguntaria porquê e, depois, não teria razões ali à mão para lhe dar, porque até para ele todo este tempo nas consultas lhe parecia uma eternidade. Sabia que eram necessárias, mas não saberia até quando.

Tinha dias bons, nos quais via uma esperança, uma luz ao fundo do túnel, e outros que eram de uma tremenda escuridão, em que apenas queria que o tempo passasse, mas a verdade é que, naquele momento, não fazia sentido dizer-lhe «Olha, não temos tempo para muita conversa, e esta boleia tem de ser rápida, porque tenho psicólogo!». Devia parecer-lhe estranho. Optou por não o fazer. Mal se lembra da viagem, que não demorou mais de trinta minutos, mas recorda o cheiro do carro, as mãos grossas de Bruno que alternavam entre o volante e as mudanças. Via algo de sensual naquele movimento, mas tentava não pensar nisso. Fixou o sorriso rasgado de Bruno e um casaco preto que trazia manchado pela chuva que entrava pelo vidro entreaberto.

– Sou daqueles que gosta de chuva. Chuva, frio e vento! – afirma Bruno.

– Também gosto. Chuva e frio. Gosto mais do inverno do que do verão!

– Eu gosto do verão, se não estiver a trabalhar e puder estar estendido num lugar ao pé da água, sem confusão e a ler um bom livro.

Carlos nunca conhecera ninguém que lesse tanto e tivesse tanto prazer nisso. Bruno lia com gosto, com satisfação e não com a intenção de se exibir e de partilhar as capas no Instagram como fazia a maioria. Lia muito e todos os dias. «Não consigo imaginar maior prazer do que este. As viagens que fazemos quando lemos uma boa história», dizia. Carlos imaginava várias coisas que lhe dariam prazer naquela viagem além de ler, mas não disse nada. Apenas observava o trânsito, percebendo a estranha mudança que

lhe acontecia internamente. Era uma mudança gigante. Dentro de si, ocorria o mesmo frenesim que a cidade vivia naquele fim de dia. Muitas luzes, muito barulho, muita gente, muitos sons. Gente a sair dos empregos, pessoas a atravessar a passadeira, carros que buzonavam, travagens bruscas, chapéus de chuva que se atropelavam uns aos outros, mas nada disso influenciou o ar sereno de Carlos, porque, no seu interior, acontecia o mesmo, ao mesmo ritmo. Porém, a agitação ainda assim era tranquila e não o deixou desconfortável, ao contrário do que seria de esperar de uma pessoa como ele, que se irritava facilmente com as pequenas coisas do dia a dia. Ali não. Ali apenas desfrutou.

– Chegámos!

– Já?

– Já? – pergunta Bruno, espantado.

– Parvoíce, estava a divagar... Obrigado. – Está atrapalhado.

Bruno mantém a expressão do início da boleia.

Despedem-se com um abraço, antes estenderam as mãos. Bruno tem as mãos marcadas e ásperas. Quando se abraçam, é tudo muito rápido, pois o carro está parado num semáforo antes do consultório e há carros atrás, mas Carlos consegue sentir o cheiro da pele de Bruno. Até hoje, e sempre que se encontravam, falava desse cheiro... «Mas eu nem uso perfume» ou «Nem ligo a isso!», respondia Bruno habitualmente. Carlos tentava explicar que o cheiro da pele é uma coisa que fica, independentemente de qualquer outra coisa, que os cheiros são química, que marcam. Bruno fingia que entendia e encolhia os ombros, sorria e, mais tarde, ainda no meio destas conversas, acabava por abraçar Carlos, puxando-o para junto dele e dizendo «Se gostas, cheira». E Carlos deixava-se ficar ali, aconchegado entre o pescoço e o peito trabalhado de Bruno, a ouvir-lhe o coração, a baixarem os níveis de *stress* de um e de outro, e sentia o tal cheiro que nunca mais esqueceu. Não era um cheiro de perfume, era um cheiro de pele.

3

– **J**uro que é estranho, mas é o que estou a sentir, Marta.
– Acredito, Carlos, mas vai com calma, acabaste de o conhecer, não sabes nada dele, ele sabe pouco de ti...
– Já te disse, falámos muito pela Internet.

Talvez Marta se estivesse a fazer de desentendida, como se uma mulher como ela, na casa dos cinquenta, nunca tivesse engatado numa rede social, ou, pelo menos, não soubesse o que isso era. Claro que sim! Tinha toda a pinta disso. Não era caso raro, não é caso raro. A vida de hoje é feita assim, entre o que respiramos e o que partilhamos. Não é uma vida feliz, não vale a pena apregoar-se que sim, é uma vida mentirosa. As pessoas mostram o que querem, como querem, e os outros interpretam consoante o estado de espírito com que olham para cada partilha, cada legenda, cada fotografia. As fotografias de Bruno podem ter encantado Carlos, mas não foi só isso. A conversa que foram partilhando foi bem mais envolvente. Homens bonitos há aos pontapés, interessantes já é mais complicado descobrir. Parecia-lhe diferente de todos os que já por ali tinham passado. Viria a mostrar-se diferente. Em tudo. Brutalmente diferente!

– Oh, Carlos, por amor de Deus, quantos anos tens? Na Internet não se conhece ninguém.

Marta é psicóloga de Carlos há tempo suficiente não só para o conhecer, como para saber quão frágil está. Mas viu-o chegar tão entusiasmado, que, apesar de tentar refrear o seu discurso, estava longe de imaginar que realmente aquele dia mudaria os dias seguintes de Carlos, de quem não era amiga, mas com quem tinha uma relação próxima e se preocupava.

Carlos tinha acabado de entrar no consultório, todo molhado, os olhos muito arregalados, cheio de energia e a sorrir. Algo muito diferente das últimas vezes que ali foi, quando entrava no prédio cabisbaixo, auscultadores nos ouvidos, mal dizia bom dia na portaria, subia ao sexto andar e sentava-se à conversa com ela. Naquele dia, estava, de facto, diferente. Chegou, desligou o telemóvel, porque era uma exigência de Marta, entrou no consultório, serviu-se de água, pediu a Marta que abrisse as cortinas, contrariando o que fazia sempre, sentou-se no cadeirão azul-escuro de veludo e começou a falar. Só não falou mais porque passou a hora e havia gente à espera lá fora, mas falou desalmadamente e contrariou tudo o que Marta dizia. Porque Marta tentava chamar Carlos à razão, já que, na verdade, não via motivo para tanto empolgamento. Tinha sido apenas uma boleia, num carro que Carlos não sabia se era preto ou encarnado. E, sendo ela profissional, não encontrava ali espaço para o que estava a acontecer. Ou, então, sim... Carlos sentia-se carente de boas pessoas e percebeu logo no primeiro encontro que Bruno era uma delas.

– Uma pessoa de coração azul, sabes o que quer dizer, Marta?

– Imagino... mas, Carlos, não achas demasiado cedo para te empolgares tanto?

– Não estou «empolgado», – disse, dando uma ênfase desprezível à palavra e revirando os olhos – estou a tentar contar-te como me sinto, porra! Também não te entendo. Se conto, é porque conto, se não conto, é porque não conto. Aconteceu-me uma coisa boa ao fim de tanto tempo e subi a porcaria daquelas escadas convencido de que ias ficar contente, que me ias dizer que estava no bom caminho, que não me estou a fechar, a colocar entraves, barreiras e essas merdas que me dizes todas as semanas,

e a única coisa que me sabes dizer é «vai devagar», «calma!», «não quer dizer nada».

Não sobe o tom de voz, mas é bastante assertivo no que diz a Marta, que já não estranha, porque o conhece. Aquela raiva que ele está a despejar é uma espécie de frustração, pois Carlos queria muito que alguém lhe dissesse «Parabéns, a vida vai mudar daqui para a frente», «Chegou a tua vez!». E ninguém lhe disse isso. Nunca lhe disseram, e menos ainda Marta, que, conhecendo-o como conhece, sabe que corre o sério risco de se meter numa alhada sem sair da que estava...

– Já está? – pergunta Marta, tranquila e com ar condescendente, enquanto lhe tira o copo de água da mão, não vá aquilo cair e molhar o cadeirão de veludo azul.

– Desculpa, mas não te percebo... – diz Carlos, baixinho, estendendo-lhe o copo e limpando a boca.

– Por amor de Deus, não me peças desculpa. Sabes muito bem porque te digo isto. Queres recuar três anos? Tens feito um trabalho brutal, não deites tudo a perder...

– Três anos é muito tempo, Marta, sabes bem que é muito tempo. Não tenho vida, finjo que tenho uma vida. Finjo no trabalho, na rua, no supermercado, com os amigos, finjo o tempo todo... finjo até a mim próprio para me convencer de que não passei por aquilo, finjo que sou uma pessoa normal. Hoje, não quero fingir, quero acreditar que o que estou a sentir é real... eu sei que é, Marta! – diz isto e olha-a fixamente nos olhos.

– Tudo bem. Mas vou fazer-te uma pergunta e vais responder-me a verdade, não me vais dizer o que tu queres que eu escute. A verdade, pode ser?

– Óbvio.

– E se estás a tentar encontrar uma pessoa só para acabar com a solidão em que dizes viver?

Faz-se silêncio, que, apesar de ser apenas por segundos, parece, na cabeça de Carlos, uma eternidade. Podia Marta ter razão? Carlos está sozinho e desiludido há muito, podia ter encontrado aqui uma oportunidade de voltar a viver, a ter esperança. Mas não

era isso, sabia que não era isso. Sabia que havia qualquer coisa para lá do conforto de, durante meia hora, sentir o trânsito na cidade em alvoroço, e ele estar calmo num carro cuja cor ainda não sabe qual é, e sabe que olhar para as mãos do Bruno não só o excitava, como o acalmava, que o abraço que lhe deu cheirava a coisas boas. Respira fundo e responde:

– Isso foi o que me disseste para fazer este tempo todo, e eu nunca o fiz. Porque haveria de o fazer agora? Ou melhor, porque seria um problema para mim se o fizesse agora?

Ao longo dos anos, Marta havia trabalhado exaustivamente com Carlos, que se recusava a viver no descartável. Depois do que aconteceu, fechou-se ainda mais no seu mundo, não deixando entrar nada, afastando as pessoas e mergulhando cada vez mais na escuridão, o que pareceria estranho aos outros. Apenas os amigos mais próximos sabiam disso. O mundo, a maioria dos conhecidos, achava Carlos a alegria em pessoa, não imaginava sequer que todas as semanas tentava encontrar, naquele consultório, combustível para aguentar mais uma semana.

Não foram raras as vezes em que Marta se chateou com Carlos por este recusar um encontro, um jantar, um sinal de alguém, avisando-o de que se estava a fechar num mundo de barreiras, de onde, quando se desse conta, seria difícil sair. Carlos teve, ao longo destes últimos anos, pessoas que conheceu, gente com quem não se identificou e com quem sempre achou que não valeria a pena perder o seu tempo. Já tinha feito más escolhas no passado, já fora roubado, humilhado, traído, manipulado. Já tinha erguido e baixado barreiras, tentado mudar formas de ser, já tinha sido o que não queria para agradar aos outros e, ainda assim, não resultou. Ficou exausto! Desta vez, tinha bem presente que seria alguma coisa muito boa e apareceria sem procurar, como aconteceu com esta boleia. Só não se sabe ainda se foi cedo ou tarde de mais, porque as barreiras de um não são as barreiras de outro e todos as temos. Carlos tem as suas, que vai conseguindo levantar e baixar, como se faz com os vidros de um carro quando queremos que entre vento ou chuva

porque gostamos, mas não contava com as barreiras de Bruno, que também as tinha.

– Só quero que não deites tudo a perder, Carlos.

– E eu só quero ser feliz. Porque também mereço e parece que quem me rodeia se esquece disso. – E endireita as costas, que estavam encostadas ao cadeirão, pousa os cotovelos nas pernas, as mãos na cara e pergunta: – Não achas que mereço?